

Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0023877



F
325.25693
R484

CÂMARA DOS DEPUTADOS

NINA RIBEIRO
Deputado Federal

A SITUAÇÃO DOS JUDEUS NA RÚSSIA

Discurso proferido na sessão
de 2 de agosto de 1971

F 328.32
R484s

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
Brasília - 1971



CÂMARA DOS DEPUTADOS

NINA RIBEIRO
Deputado Federal

A SITUAÇÃO DOS JUDEUS
NA RÚSSIA

Discurso proferido na sessão
de 2 de agosto de 1971

F
328.32
R484
B0023877



CÂMARA DE DEPUTADOS

NINA RIBEIRO
Deputada Federal

A SITUAÇÃO DOS JUDEUS
NA

Discursos proferidos na sessão
de 2 de agosto de 1971

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NÚMERO	DATA
F59	29/5/73

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
Brasília — 1971

O SR. NINA RIBEIRO:

(Como Líder — Sem revisão do orador)

Sr. Presidente, Srs. Deputados, há um livro, pequeno no seu tamanho, porém precioso no conteúdo, na essência, que foi escrito pelo grande mestre do Direito Rudolf von Ihering.

Este livro, pouco mais do que um opúsculo, cujo título, bastante inspirado, é a "Luta pelo Direito", consagrava uma série de princípios de sadio idealismo, que caracterizaram na obra daquele mestre o seu inconformismo contra as posições fáveis, contra aqueles que renunciam aos seus direitos, com a denominada «Paz do Charco», em que tantos devotos são amargados pela ausência de uma reação viril às dificuldades que possam espelhar um momento. Usou ele, mesmo, Sr. Presidente, numa palavra candente, numa palavra muito dura para qualificar a atitude moral daqueles que renunciam às suas prerrogativas, aos seus direitos: denominou-os "eunucos morais", porque, ensinava Mestre Ihering, aqueles que renunciam aos seus direitos estão, com isso, não apenas prejudicando a si próprios, mas abrindo mão, desistindo de prerrogativas válidas que, ao longo do tempo e da História, representam o sacrifício, o sangue, a luta, até a morte, de gerações e gerações pela sua conquista.

Sr. Presidente, quando falamos nos direitos fundamentais da pessoa humana, no respeito a uma coletividade, no respeito à livre determinação dos indivíduos que compõem uma nação, chegam até nós, na época atual, no dia de hoje, notícias várias, repetidas, tristemente, reiteradas, tragicamente difundidas pelos periódicos, das agruras, dos sacrifícios a cada hora impostos ao bravo povo judeu.

Na verdade, Sr. Presidente, a História da civilização não ressaltou ainda com o devido relevo, com o natural destaque, o mérito da inestimável contribuição dada pelo povo hebreu em favor do gênero humano. Assim, a religião, a filosofia, as artes, a técnica e a ciência têm sido irmanados no fluxo de coragem que permitiu a sobrevivência de uma raça acobreada pelo sofrimento, pela incompreensão, pela tortura e até pelo genocídio. São episódios

ainda bem próximos na nossa retentiva os guetos, os campos de concentração no segundo conflito mundial, verdadeiro holocausto, proclamado no radicalismo, daquilo que, segundo a filosofia conduz ao monismo; do monismo da raça que levou ao radicalismo do nazismo; posteriormente, o monismo da classe, que levou ao exagero do comunismo; o monismo do Estado, que levou também aos destemperos do facismo, como se se pudesse, por uma classe, por uma raça ou por uma entidade simbolizar tudo aquilo que há de defensável na coletividade humana, mas que, a rigor, representa a contrafação, o exemplo ilusório, a verdadeira antítese da pessoa humana, em sua dignidade ontológica, em suas impostergáveis prerrogativas.

Milenarmente sangrando nos desertos da Incompreensão humana, foi essa brava nação conduzida por Moisés, que terminou por fornecer aos homens os supremos preceitos da lei moral, aquilo que os técnicos revelam como sendo o *sollen*, o dever ser, a matéria própria em que se move a ciência ética e o próprio direito, ao contrário das leis físico-químicas, ao contrário das leis que regem a natureza e matérias que existem apenas no plano do *sein* daquilo que é, daquilo que se constata, sem jamais propiciar um juízo de valor.

Dispersos pelo *orbe*, laboraram na edificação e progresso de mil e uma nações, como a fazer das vicissitudes, força; do opróbrio dádiva; da impiedade a retribuição do bem. Diante de tudo Isso, é doloroso constatar como em nossos dias, Sr. Presidente, como um Tonel das Danáidas redivivo, tragicamente *real*, em que pesem os esforços do ecumenismo, desta força de boa vontade, de profundo humanismo, de sincero idealismo a aproximar fraternalmente os homens; a despeito de crenças, a despeito de religiões, para que se unam, pelas almas, pelos corações, acima dos interesses mesquinhos, acima daquilo que possa aviltar as criaturas nas suas retaliações injustificáveis; a despeito desse ecumenismo que, graças a Deus, é defendido entre muitos homens de boa vontade, Sr. Presidente, em favor da aproximação e da irmandade, como dissemos, de todos os homens, persistem as perseguições, prosperam os sofrimentos e agruras, com o desconhecimento elementar dos direitos mais fundamentais da criatura humana.

Na sociedade soviética dos nossos dias, por exemplo, para cujos triunfos inolvidáveis e inegáveis, mesmo no campo da engenharia, no campo da medicina ou da astronáutica, tanto contribuiu a importantíssima parcela dos judeus, desenvolve-se o sinistro cenário do anti-semitismo, com o fechamento de sinagogas, com restrições ao culto da Festa dos Pães Ázimos, na proibição de livros e publicações que ensinam a legítima tradição judaica e que per-

mitam, enfim, a cada pai ensinar a seus filhos sobre os efeitos, honras e glórias que pontilham a evolução das doze tribos.

Como é cruel, Sr. Presidente, como é cruel, Srs. Deputados, observar, como Marcos Margulies em "Os judeus na História da Rússia», como Ari Benami, na "Entre a foice e o martelo», uma coletividade tantalizada através dos séculos, sacrificada por tantas incompreensões e, não obstante isso, dando a sua válida contribuição num sentido maior, num sentido de aproximação com a Humanidade, de integração e progresso pelos seus melhores campos, formando e possibilitando a formação dessa sociedade mais cheia de viço, com menores injustiças, com progresso material, mas, sobretudo, encimada pelo laço do progresso espiritual. E essa mesma coletividade é sacrificada nos seus direitos mais elementares, mais fundamentais, mais caros, que assistem e informam o desvelo que terá um chefe de família, que terá um pai em legar aos seus filhos o apreço, o exame, o culto, a lembrança, em, relação aos maiores, em relação ao lances épicos que caracterizaram, ao longo dos milénios históricos, as deficiências as batalhas e as vitórias deste mesmo povo. Criam-se, portanto, embaraços os mais variados, desde a publicação de simples cartilhas, até a correspondência. Descrevo mesmo nas festas mais simples de tradição, de culto e de respeito a uma ordem religiosa, o reunir da família, o grupo em entendimento em favor de ideias maiores. Tudo isso preocupa pelo desejo de desarticular a tradição de um povo. Tenta-se apagar a sua alma, tenta-se raptar o espírito, porfia-se por quebrar a personalidade coletiva ou individual. Rompem-se, assim, os padrões de uma pretensa igualdade de oportunidades nas escolas e nos serviços mais graduados, para arbitrar com o fechamento quase total das fronteiras, em ordem de evitar a emigração. Sr. Presidente, podemos verificar, num rosário sangrento de exemplos, como jovens briosos, nascidos em território da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, mas tendo o anátema nas suas carteiras de identidade tismado com o qualificativo de judeu, em que pesem os seus esforços, em que pesem as melhores notas conseguidas nos exames vestibulares, são afastados, são impedidos de obter uma formação superior. Somente quando houver vagas suplementares, somente quando todas as outras nacionalidades que integram o povo soviético — porque é um mosaico de outras nacionalidades — estiverem satisfeitas e saciadas nas suas quotas, talvez sobre então oportunidade para que os filhos de Israel possam atingir o curso superior, possam conseguir posições mais vantajosas, possam ser galardoados com o prémio de sacrifício de maiores esforços e, conseqüentemente, de melhores resultados num plano de reconhecimento paradoxal, subsiste, todavia, Sr. Presidente, a explicação da certeza de que os judeus são necessários à economia soviética,

senão não haveria qualquer percalço, senão inexisteria qualquer dificuldades, senão sobriariam as vantagens e facilidades em escancarar as fronteiras e permitir que o êxodo tivesse na História uma segunda etapa revivida com lances épicos que marcaram, na antiguidade, a transmigração do Egito para Canaã, para a Terra da Promissão, e que marariam hoje o escapar a êsse monstro terrível de Leviatã, concretizado naquilo que Hobbes sequer chegou a imaginar, que erige nessa peça imensa da engrenagem burocrática do estado soviético e que iguala a criatura humanada a um mero fator de produção, semelhante a um trator ou tear mecânico. Tudo isso se concretiza e se faz e se aperfeiçoa diabòlicamente para oprimir um povo, para impedir que êle saia dessa fronteira e que vá buscar em outras terras ou no jovem Estado de Israel a canalização de suas forças, do seu idealismo, da sua sinceridade para combater, se necessário fôr, pela sua pátria ou em procura de dias melhores, de dias de paz, de dias de fraternidade em relação a todo o gênero humano. A essas se juntam outras razões de cínico oportunismo patriótico, a algo semelhante àquela filosofia de Talleyrand, que dizia ser a política a arte de servir aos próprios interesses, simulando que servimos aos interesses alheios. Essa definição leviana, cínica e terrível, tão madrasta, mas de algum modo e infelizmente verdadeira, pelo menos numa parcela, serve para inspirar como que essa eiva estratégica com relação ao Oriente Médio, onde novos contingentes altamente qualificados estariam aí representados pelos elementos que se evadissem, que conseguissem emigrar das terras soviéticas para defesa da jovem nação hebraica, caso fossem franqueadas as saídas do paraíso soviético. Somente então um dos piores opressores do século seria abalado no seu prestígio, seria, como tantos outros, posto em duvida sobre a hegemonia que pretende no Canal de Suez e, finalmente, revelaria o desencanto daqueles que buscam na força bruta a forma de saciar a sua sede de sangue ou de domínio.

Aí, sim, cairiam as máscaras, Sr. Presidente, e mostraríamos até que ponto o *struggle for life* darwiniano se encontra restrito a cada ano, a cada passo, a cada dia na tenebrosa época em que vivemos, em que tantas ameaças e em que tantas vicissitudes pairam sobre o gênero humano. Mas a História tem demonstrado que é impossível abater o espírito deste povo que tem enfrentado duríssimas provações, terríveis privações, mas que tem sempre encontrado alento, caracterizado nas palavras do Profeta, ao dizer, no cativeiro de Babilônia, *mane tecel feres*, aquela frase bíblica que se tornou o apanágio do idealismo, do inconformismo de um povo mesmo nas piores contingências da prisão, do opróbio, do sacrifício, da morte, do aniquilamento. *Mane tecei feres* ressoa e reboa no íntimo da alma, não apenas na consciência dos adeptos deste povo,

Sr. Presidente, que temos a imparcialidade de julgar, até porque não pertencemos a esta raça, mas a que reverenciamos com o respeito digno da fraternidade entre todos os povos amantes da paz e da ordem.

O que o cativeiro de Babilônia representou em épocas mais recuadas dos tempos históricos hoje é tisonado na luta pela liberdade que existe nas fronteiras da União Soviética, que se desenrola em meio às maiores penas, com todos os perigos, com todas as dificuldades, com ameaça de desterro para as regiões inóspitas da Sibéria, com ameaça da cessação daquilo que se poderia configurar, entre aspas, como privilégio da educação e da morada ou de melhores oportunidades de emprego, enfim, com ameaça de sanções terríveis.

Sr. Presidente, assistimos no pátio dos Correios, em Moscou, a um grupo inteiro permanecendo horas a fio, pela madrugada, a desoras, para pedir, para exigir, para querer, para confirmar e reafirmar o seu desejo de partir, Sr. Presidente, de abandonar os grillhões seculares, a fim de poder, em novas terras, com novas esperanças, com nôvo alento, mas com o mesmo ideal, construir uma pátria voltada para o futuro, uma pátria que, nos rigores do deserto, venceu a aridez da terra, transformando-a em área semidesértica, para, daí, evoluir no processo admirável de rotação de culturas para terras férteis e amplamente produtivas. Quem contempla do alto o Estado de Israel vê aquela ilha verde de esperança, de trabalho, de produtividade, implantada num deserto de ódio, de opressão, de inconformismo.

Sr. Presidente, a organização dos *kibutzim* e dos *moschavs* representa, pela sua coesão, pela sua disciplina, como que uma falange voltada para a solução concreta dos problemas sociais. Pudéssemos, talvez com a adaptação devida e sem o espírito servil da cópia que sempre repudiamos, implantar em algumas regiões brasileiras, em alguns pontos do Nordeste, a organização dos *mochavs* ou dos *kibutzim*, de uma miséria repartida e diversificada, que, evidentemente, comove todos os irmãos brasileiros, teríamos, o encontrar de forças válidas e capazes de, em vida comunitária, associativa, conseguir os melhores resultados no plano educacional, na pecuária, na agricultura e mesmo na indústria. A organização tal qual hoje se concretiza no Estado de Israel, nos *mochavs* ou nos *kibutzim*, é algo que merece o respeito e admiração de todos os povos. Ademais, êles, por êste processo verdadeiramente impressionante, encontraram o equacionamento e a resolução de grandes problemas sociais que afligiam, como ainda hoje acontece, um povo contra o qual se me move uma guerra de todos os instantes uma guerra que ceifa milhares de vidas e que, ao mesmo tempo

obriga a pensar na defesa e na sobrevivência ao lado do estudo e do trabalho, de problemas que importam também no desenvolvimento deste território. Assim, ao lado da metralhadora ou do canhão subsiste o trator, o arado, a plantação, a irrigação com requintes de aperfeiçoamento que fazem inveja aos povos mais adiantados do globo neste mister.

Por isto, Sr. Presidente, na difusão caótica, num verdaediro caleidoscópio em que podemos observar tantos fatores negativos, sentimos também que a determinação de um povo e dos seus líderes pode levar uma nação a perseverar na luta, a se manter íntegra pelo todo das suas tradições, dos seus cânticos, da sua história, da sua religiosidade, sem se descurar, por certo, também dos problemas cotidianos e do desenvolvimento da ciência, como no tocante aos reatores nucleares e à fissão dos materiais próprios que levam aos melhores resultados no chamado uso pacífico da energia nuclear.

Como um povo de pouco mais de dois milhões de habitantes, naquele território, pode resistir a uma população muitas vezes superior em número? Como pode manter uma condição de progresso, de cultura, de paz, de respeito humano, de filosofia e de aproximação com relação a outros povos? Somente por uma formação interior profundamente válida, profundamente respeitável, sem nenhuma ideia de cópia servil, não podemos calar o entusiasmo pelo que isso possa representar como saída, não apenas para o nosso continente, como também para outros rincões, onde os ódios mesquinhos, as retaliações pessoais, o desejo imoderado da guerra de conquista leva a radicalismos extremados a sacrificarem a criatura humana, a tornar-lhe o território, atingindo-a naquilo que de mais santo pode existir, qual seja, sua própria consciência. Deve-se respeitar seu direito inalienável de educar seus pósteros conforme sua tradição.

Constatamos que esse movimento, crescendo além do que as próprias forças permitem, para encontrar um caminho de luz, é hoje um denominador comum em todos os povos de boa vontade, que crêem na paz e na fraternidade entre os homens.

Somos daqueles, Sr. Presidente, que nesta Casa esperamos ver acatados os esforços que possam contribuir para paz universal, infelizmente tão deturpada por alguns, que através de discursos procuram esconder seu pensamento, que muitas vezes representa a contrafacção, a antítese da paz. Toda tentativa, porém, que tenha o sentido autêntico de respeito a outros povos que lutam pela sua liberdade, na dura contingência de um mundo bipolar, dividido entre Ocidente e Oriente é louvável. Já que as nações ricas se opõem às que se encontram em pleno processo de desenvolvimento,

que precisam superar suas deficiências, há necessidade de estas se irmanarem num espírito de cooperação e de paz, para poderem romper as barreiras impostas pelos países superindustrializados. que se integram no que se convencionou chamar de clube dos ricos.

Tal união é indispensável para o desenvolvimento dos povos oprimidos, para o êxito daqueles que querem superar as contradições de uma época que ainda admite a eiva do racismo, que ainda admite a coexistência entre o supérfluo, ou seja, aquilo que sobra nas nações superdesenvolvidas, e o que falta para saciar a fome dos subdesenvolvidos. Sem o atendimento dessa exigência mínima não é possível a prática mais elementar da virtude, como bem afiançava o próprio Doutor Angélico, São Thomaz de Aquino.

Sr. Presidente, quando visitei a Organização das Nações Unidas, pude observar admirado a existência de um denominador comum entre os representantes dos chamados povos em desenvolvimento, eufemística denominação dada às nações subdesenvolvidas notadamente entre os da América Latina.

Conversei, então, com o nosso representante na ONU. Embaixador Araújo Castro, hoje atuando junto ao governo americano, em Washington. Pontificou S. Exa. de forma admirável que a não ser que as nações em desenvolvimento se harmonizassem, todas as pretensas ajudas, empréstimos e financiamentos, muitas vezes, concedidos para efeito unicamente de propaganda, significariam um fluxo contrário, uma corrente inversa de descapitalização para elas, porque os países ricos e isso é demonstrado estatisticamente estão cada vez mais ricos, ao longo do tempo, enquanto que os pobres cada vez mais num processo de descapitalização.

Pude compulsar esses dados, Sr. Presidente, no «*Economic Survey*», publicação da própria ONU. Eles revelam aspecto hoje enfrentado com decisiva coragem, na política externa brasileira.

Nossa Marinha Mercante leva nossa bandeira a portos em que nossos navios jamais tinham entrado. Pouparamos atualmente em fretes quase o equivalente à metade da receita proporcionada pelo café, nosso principal produto de exportação ainda. Os produtos brasileiros de exportação estão sendo valorizados, não obstante as nações mais desenvolvidas em décadas e décadas aviltarem o preço unitário daquilo que produzimos e exportamos, como uma alternativa de sobrevivência. Essa atitude implicava uma supervalorização dos produtos importados que fornecem royalties, ganhos e lucros nababescos a estas mesmas nações que integram o chamado clube dos ricos.

O SR. PRESIDENTE (*Elias Carmo*) -- Peço licença a V. Exa. para interrompê-lo, a fim de comunicar que a sessão chegou

ao seu final. Vou prorrogá-la, de ofício, a fim de que V. Exa. possa terminar seu discurso.

O SR. NINA RIBEIRO — Agradeço a condescendência de V. Exa., menos por mim, mas pelo assunto.

Procurarei, sinteticamente, Sr. Presidente, apenas retratar um instantâneo válido de nossa época e que é como que um prolongamento da admiração que sentimos pela luta do bravo povo de Israel. da mesma maneira que realçamos uma voz de protesto contra os abusos, contra a truculência, contra aquilo que **desconhecidamente** se faz em desfavor dos inalienáveis direitos da pessoa humana, que luta pela eminente dignidade ontológica da criatura.

O respeito pelos oprimidos, a defesa das nações em desenvolvimento, serão, quero crer, o denominador comum que há de irmanar a nossa luta nesta Casa, como em todas as **assembléias** dignas desse nome, porque honramos a paz. Cremos que os homens podem entender-se e procuramos, modestamente, de nossa parte, contribuir para isso. *(Muito bem; muito bem. Palmas. O orador é cumprimentado).*